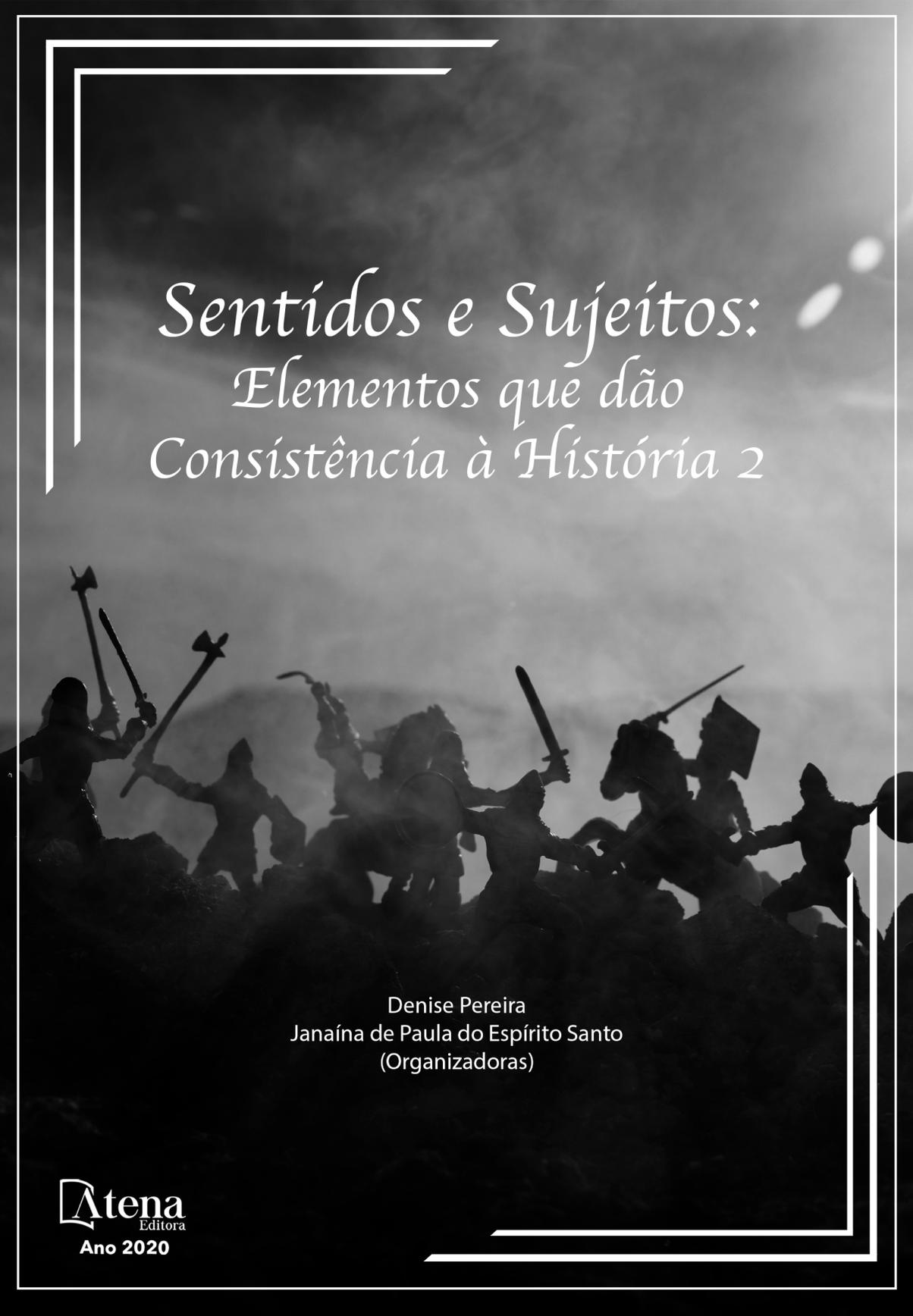


The background of the cover is a dramatic sunset or sunrise over a battlefield. The sky is a mix of orange, yellow, and dark grey, with some lens flare effects. In the foreground, the silhouettes of several medieval warriors are visible. Some are on horseback, while others are on foot. They are holding various weapons like swords, spears, and axes. The overall mood is historical and intense.

*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Kimberlly Elisandra Gonçalves Carneiro  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S478 Sentidos e sujeitos: elementos que dão consistência à história 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-650-8

DOI 10.22533/at.ed.508201112

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Conhecer, é estabelecer sentido. O ato de viver, quando ultrapassa a esfera da sobrevivência, é portanto o ato de conhecer e dar sentido ao mundo e as pessoas. Esse conhecimento não é abstrato, visto que o modo com que nos relacionamos com o conhecimento tem um impacto direto no processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos os espaços de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie de conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade uma reflexão constante sobre todo esse processo de construção de verdades e sentidos do pensamento humano sobre o mundo. Se o pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos, esse também é um espaço que deve ser foco de estudos e reflexões. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e entendimento de que os sujeitos estão a todo momento dando sentido à sua realidade (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência de mundo e do conhecimento) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que os saberes históricos constroem seus significados e sua relevância para as pessoas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura  
Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

“NÃO FORAM OS DEUSES, NEM FOI A MORTE DE DEUS, NÃO FOI O JABÁ DA ACADEMIA QUE MATOU A POESIA”: CONSIDERAÇÕES SOBRE A JUVENTUDE NA PÓS-MODERNIDADE

Marlon Jose Gavlik Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.5082011121**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

A CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA MARXIANA NA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NO CAMPO DE TRABALHO ANTE A OPRESSÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Renata Reis de Lima

Jenucy Espíndula Brasileiro

**DOI 10.22533/at.ed.5082011122**

### **CAPÍTULO 3..... 23**

A FAMÍLIA COMO BASE: NACIONALISMO, EXÉRCITO E EDUCAÇÃO

Felipe Varzea Lott de Moraes Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5082011123**

### **CAPÍTULO 4..... 33**

EL FERROCARRIL, PARAJES DE LA HISTORIA EN EL NORTE DE MÉXICO, VILLA PASO DEL NORTE, 1880

Lidia G. Sandoval Rivas

Luis Herrera Terrazas

**DOI 10.22533/at.ed.5082011124**

### **CAPÍTULO 5..... 44**

A MEMÓRIA AIKEWARA DO TEMPO DA GUERRA E OUTROS TEMPOS NO ARAGUAIA

Nadine Borges

Wilson Madeira Filho

Ana Motta Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.5082011125**

### **CAPÍTULO 6..... 58**

A MORADA NORDESTINA: A ARQUITETURA COMO PARTE DA PAISAGEM E INDENTIDADE

Gabriela de Sousa Vieira

Miriam Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.5082011126**

### **CAPÍTULO 7..... 68**

AS MARAVILHAS EM *EMBAIXADA A TAMERLÃO (1406)*

Jorge Luiz Voloski

Sofia Alves Cândido da Silva

Lucas Vieira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5082011127

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
AS MARCAS DA DITADURA NO CONTEXTO SOCIAL DA HISTÓRIA E SUAS SOMBRAS NA CONTEMPORANEIDADE Daniel de Oliveira Perdigão DOI 10.22533/at.ed.5082011128	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
ASPECTOS DA HISTÓRIA CULTURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DE ROGER CHARTIER Odair Vieira da Silva DOI 10.22533/at.ed.5082011129	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
ASTRONOMIA CULTURAL: UM OLHAR DECOLONIAL SOBRE E SOB OS CÉUS DO BRASIL Flavia Pedroza Lima Rundsthen Vasques de Nader DOI 10.22533/at.ed.50820111210	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>106</b>
BELEZA NAS ALTURAS: AEROMOÇAS E UNIFORMES NA ESTÉTICA DO BEM VESTIR Felipe Bastos Maranezi Natalia Scarabeli Zancanari DOI 10.22533/at.ed.50820111211	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
CAMINHOS DA MODERNIDADE: A AMAZÔNIA SOB OS SIGNOS DE UM TEMPO ACELERADO (1915-1940) Leticia Souto Pantoja DOI 10.22533/at.ed.50820111212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>135</b>
CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA Carmem Lúcia Druciak DOI 10.22533/at.ed.50820111213	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>146</b>
CIDADE SINOP, MATO GROSSO: NO/PELO DISCURSO DO IMPRESSO JORNAL HOJE, A CONSTRUÇÃO DE UMA TERRA DE PROGRESSO E OPORTUNIDADE Leandro José do Nascimento DOI 10.22533/at.ed.50820111214	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>159</b>
CINEMA, HISTÓRIA E CRÍTICA: APONTAMENTOS SOBRE ÉLIE FAURE Erivan Cassiano Karvat DOI 10.22533/at.ed.50820111215	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>171</b>
CONSERVADORES X MODERNISTAS: OS EMBATES ENTRE OS CONCÍLIOS PROTESTANTES ESTADUNIDENSE NO SÉCULO XX	
José Roberto de Souza Paulo Julião da Silva Stefano Alves dos Santos Josielson Lira Matos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>183</b>
DIALÉTICA CULTURAL ESPIRALADA: <i>CONSTRUCTO</i> PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	
Nicolas Theodoridis	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>194</b>
INFÂNCIAS TRADICIONAIS NEGRAS NA HISTÓRIA BRASILEIRA	
Mariane Oliveira Nunes Valéria Amim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>203</b>
MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA NA DÉCADA DE 1980, MEMÓRIA E IDENTIDADE, A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO NAS VOZES DA COMUNIDADE JAPERIENSE COMO UMA HISTÓRIA PÚBLICA	
Adna Gomes Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>214</b>
O CÉU DO INDÍGENA BRASILEIRO - UMA ASTRONOMIA CULTURAL	
Marcelo Augusto do Amaral Ferreira Rundsthen Vasques de Nader Luiz Carlos Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>220</b>
O COMÉRCIO E A EVOLUÇÃO ESPACIAL DAS ÁREAS CENTRAIS DAS PEQUENAS CIDADES: O CASO DE PORTALEGRE	
Miguel Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>243</b>
O SOL NASCENTE EM TERRA TUPINAMBÁ: A EXPERIÊNCIA DE IMIGRANTES JAPONESES DO MARANHÃO NA DÉCADA DE 1960	
Hemelita da Silva e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.50820111222</b>	

<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>255</b>
ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS HISTÓRICOS (1980-2008)	
Odair Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.50820111223	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>268</b>
PLURALISMO NA CIÊNCIA ECONÔMICA OU UM ESTADO TRANSITÓRIO EM DIREÇÃO A UM NOVO <i>MAINSTREAM</i> PÓS-NEOCLÁSSICO?	
Marcelo de Carvalho Azevedo Anache	
Luiz da Costa Laurencel	
Carlos Benevenuto Guisard Koehler	
DOI 10.22533/at.ed.50820111224	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>277</b>
MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS E SOCIOCULTURAIS NA FESTA DA SANTA CRUZ PADROEIRA DO MUNICÍPIO DE TAQUARANA-AL	
Ana Cristina de Lima Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50820111225	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>284</b>
UNIDOS PELA DEMOCRACIA: AS ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE JANEIRO E OS ENREDOS POLÍTICOS NA DÉCADA DE 1980	
Guilherme José Motta Faria	
DOI 10.22533/at.ed.50820111226	
<b>CAPÍTULO 27.....</b>	<b>299</b>
VISITAÇÕES TUMULARES E SIGNOS DE COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA E SENSÍVEL	
Marcia Regina de Oliveira Lupion	
DOI 10.22533/at.ed.50820111227	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>310</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>311</b>

# CAPÍTULO 13

## CHRISTINE DE PIZAN E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA GUERRA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 05/10/2020

**Carmem Lúcia Druciak**

Universidade Federal da Bahia  
Instituto de Letras – Área de francês  
Salvador - Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/3181459169481888>  
[orcid.org/0000-0003-1384-5080](http://orcid.org/0000-0003-1384-5080)

**RESUMO:** Neste trabalho, veremos de que forma Christine de Pizan (séc. XV) representou a mulher guerreira em seu discurso, tanto na lírica quanto na prosa. Apoiam nossas reflexões, as discussões de Paul Ricoeur sobre identidade narrativa e memória, bem como as de Jacques Le Goff sobre objetividade e manipulação do passado. Não deixaremos de referir igualmente estudos recentes para entender o modo de construção do discurso cristiniano. Com isso, esperamos avançar no pensamento da autora que atribuía à mulher tantas realizações quanto ao homem; nas batalhas, com o exemplo de Jeanne d'Arc, e nas letras, tomando a si mesma como modelo ao construir sua identidade narrativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Christine de Pizan, Representação, Mulher, Guerra.

### CHRISTINE DE PIZAN AND THE REPRESENTATION OF WOMAN IN WAR

**ABSTRACT:** In this work, we will see how Christine de Pizan (15th century) represented the warrior woman in her speech, both in lyric and prose. Paul Ricoeur's discussions on narrative identity and memory, as well as Jacques Le Goff's on objectivity and manipulation of the past support our reflections. We will not fail to refer also to recent studies to understand the way of constructing the Christinian discourse. With this, we hope to advance in the author's thinking that attributed to women as many achievements as to men; in battles, with the example of Jeanne d'Arc, and in letters, taking herself as a model when building a narrative identity.

**KEYWORDS:** Christine de Pizan, Representation, Woman, War.

### 1 | INTRODUÇÃO

A voz profética que Christine de Pizan assume em sua última composição conhecida, o *Ditié de Jehanne d'Arc*, encerra um ciclo muito profícuo de produções escritas que vão do poema lírico ao tratado político e passam pela biografia. A mulher de letras por excelência da França da Baixa Idade Média, vinda da península Itálica, de Pizzano, intriga e atrai pesquisadores que buscam investigar as formas literárias e discursivas de seu acervo, bem como elementos que informam sobre a história do reino francês entre os séculos XIV e XV.

Neste capítulo, veremos de que forma Christine de Pizan representa e se refere à mulher em um contexto de guerra. Para isso, apresentamos um breve estudo de seu poema em homenagem à donzela de Orléans quando esta, ainda em atividade, suscitava nos habitantes do reino um levante que lhes garantiria a sucessão dinástica da casa dos Valois. Antes, porém, vejamos alguns pontos referenciais na obra de Christine.

## 2 | ALGUNS REFERENCIAIS

Christine já havia afirmado em 1403, em seu *Le chemin de longue étude*, que o bom cavaleiro seria aquele que “empregará todos os seus esforços/ para proteger a lei Católica,/ o povo, o bem comum,/ os órfãos, as mulheres,/ e os direitos das viúvas” (CHRISTINE DE PIZAN, 2000 [1402-03], v. 4227 sq., p. 335-359, tradução nossa). Por bem público, ou comum, entenda-se o bom governo de um rei respeitoso da fé católica, capaz de evitar o mal que os homens de poder empreendem por sua ganância, isso, segundo a autora, não seria possível sem o auxílio de um corpo militar dedicado ao rei e ao reino. São ideais como esse que Christine vai também defender na biografia que realizou, no ano seguinte, do rei Charles V, *Le livre des fais et bonnes meurs du sage roi Charles V*.

É interessante observar que a voz da autora chega a seu público através de figuras femininas que encarnam as alegorias de Razão, Sabedoria, Riqueza, Nobreza e Cavalaria. E mesmo na biografia de Charles V, em que essas figuras não aparecem sob forma de alegoria, é a própria Christine que se impõe e defende o ponto de vista segundo o qual exaltar o rei sábio, quando da *faiblesse* do filho que coloca o povo francês em situação de enfraquecimento político, é algo a ser trabalhado. Já em 1410, quando os problemas somente apontados na biografia de Charles V se tornam reais, a mulher de letras empreende o tratado de arte e de direito militar, *Le Livre des Faits d'armes et de chevalerie*, para a instrução dos príncipes de seu tempo. Realizando a tarefa em um contexto bastante conturbado política e militarmente durante o reinado de Charles VI, o *Bien-Aimé*, mas acometido de demência e por isso, ausente do comando de seu povo, Christine atribuía mais uma vez a uma cavalaria bem organizada e submetida ao controle de seu rei a manutenção do bem-comum (DEMARTINI *et al*, 2016, p. 10). A guerra entre *Armagnacs* e *Bourguignons* se desenrolava, após o assassinato de Louis d'Orléans, em novembro de 1407, fazendo com que os ingleses, encabeçados por Henrique V, avançassem sobre o reino da flor de lis e tivessem êxito com a vitória em Azincourt alguns anos mais adiante.

Como recurso retórico, claro, Christine se serviu de alegorias femininas e lançou mão igualmente da autoridade de escritos que versaram sobre o tema da guerra, como Vegécio, Valério Máximo e Gilles de Rome, e assim como esses mestres, Christine soube aconselhar sobre empreendimentos militares no espaço da escrita. Era necessário que ela se impusesse diante de seus detratores, por ser mulher, versando sobre política e guerra e que fizesse um grande esforço de leituras e as usasse em seus escritos, em um intento

correlato de conservação da memória, mas falaremos sobre isso mais adiante. Assim, o fato de ser mulher e estar afastada do campo de batalha não intimidou Christine, mas fez com que seu método e seu discurso fosse construído de modo muito razoável apoiando-se nas autoridades conhecidas e “plagiadas” por todos. Firmar-se em um meio masculino e clerical, em sua maioria, não foi tarefa fácil.

Podemos dizer que a experiência como secretária de seu esposo, copista e poeta lhe deu uma base sólida que lhe garantiu a sabedoria necessária para manejar as obras a que recorreu e ter um lugar no espaço tão restrito da corte. Se com suas obras líricas de temas leves, Christine pôde conquistar uma posição e financiamentos para adentrar no caminho das letras, foi com sua obra moral e didática, em prosa na maior parte, que pôde sustentar sua atuação ao longo de quarenta anos, a partir de sua viuvez, aos vinte e cinco anos até sua morte por volta de 1430.

A primeira objeção que poderiam fazer é a seguinte: ‘Aquela mulher não tem nenhum conhecimento pessoal do que expõe em seu livro; apenas copia literalmente o que autoridades escreveram’. Posso responder a isso dizendo que aquele que constrói ou levanta uma construção não fabricou nenhuma das pedras, nenhum material que utiliza na construção de um castelo ou de uma casa; isso não o impede, no trabalho que faz e que se esforça para terminar, de agenciar os diferentes elementos, cada um em seu lugar, segundo o plano elaborado. Os bordadores que, ao grado de sua imaginação fecunda, executam tantos desenhos, não fabricam os fios de seda, de ouro nem os tecidos. O mesmo ocorre em várias outras ocupações. E eu, que não componho obra original na compilação de minhas fontes, posso me felicitar em tê-las agenciado de modo a construir uma obra de acordo com meus pensamentos. Outra objeção que poderiam fazer seria esta: ‘Que presunção dessa pobre ignorante! Ela se mete com algo tão nobre como é a arte da guerra, como se fosse capaz de ensinar essa matéria masculina!’ Responderia a isso lembrando o que já afirmei anteriormente, e que convém novamente, retomando as palavras de Hugues de Saint-Victor: ‘O sábio ama aprender. Convenhamos que uma criança o interpele, ele não se fiará à pessoa, mas ao que ela disse: se o ensino é bom, ele guardará a lição, mas se o que se diz não vale nada, fará pouco caso’. Ouso retomar essa frase nesta ocasião. Quanto ao fato de uma mulher se aventurar em falar do *métier* das armas, vamos nos lembrar de que na Antiguidade, como já disse em outro momento, foi uma mulher grega cheia de sabedoria, de nome Minerva, que concebeu a arte e a técnica de fabricar armaduras de ferro ou aço; foi ela também, a primeira, que fez os vários equipamentos que se usam nos combates. Desta forma, não importa de onde vem o conhecimento, mas que ele seja bom e salutar. (CHRISTINE DE PIZAN, 1997 [1404], p. 158-159. Tradução nossa).

No trecho acima, além de defender o método de trabalho, a compilação, a glosa e o comentário, Christine se defende por sua natureza de mulher ao versar sobre assuntos tratados anteriormente apenas por homens e o faz recorrendo à figura de uma outra mulher: Minerva. Na mitologia, a deusa-*virgem* romana dos trabalhos manuais foi assimilada às competências de Atena, e por isso, na explanação de Christine, ela também representa a sabedoria, a inteligência estratégica e o pensamento elevado direcionado, no caso,

ao métier da guerra. Desse modo, a autora afirma sua legitimidade ao dizer estar apta a discorrer sobre combates já que sabe onde procurar suas referências, ou seja, fazer o que qualquer letrado faria, e além disso, pois mulher, recorre a figuras que antes dela evocaram o tema para ensinar algo proveitoso.

Quando a letrada realiza tal esforço, acaba por incluir-se ela mesma em uma tradição, ou seja, realiza o que podemos chamar de sua própria *identidade narrativa*, segundo o que Paul Ricoeur coloca em *Temps et récit*. Vejamos como podemos aplicar a noção do filósofo ao texto de Christine.

### **3 | A IDENTIDADE NARRATIVA DE CHRISTINE DE PIZAN E DE SUAS MULHERES EXEMPLARES**

Nas conclusões do tomo 3 de *Temps et récit*, Paul Ricoeur desenvolve seus argumentos sobre as aporias da temporalidade, sem claro, como o termo designa, chegar a uma resposta completa, nem tampouco perfeita. No entanto, o que diz sobre a primeira aporia, a *identidade narrativa*, interessa em nossa análise do discurso christiniano no que se refere à voz que conta quem realizou as ações que a autora coloca como fundamentais, tanto para sustentar sua capacidade como autora, como para atribuir ao papel feminino um lugar entre os atores da guerra, como no caso de Jeanne d'Arc a ser visto nas próximas linhas.

Destarte, em todos os momentos de seus escritos em que Christine deve se defender ou reafirmar sua habilidade em discorrer sobre temas até ali tratados somente por homens, ela constrói o que Ricoeur vai colocar como “resolução poética do círculo hermenêutico” (RICOEUR, 1985, p. 446). Isso quer dizer que, em suas várias colocações, ao longo de sua obra, sobretudo nos volumes de caráter moral ou histórico, Christine retifica e ratifica sem fim seu discurso anterior, ampliando a cada exercício de escrita seus exemplos e mostrando-se cada vez mais segura em seu intento. Aliás, esse trabalho de glosa, de compilação, é a essência da atividade letrada da época, Christine adentra dessa forma no círculo, ainda que restrito, dos “intelectuais” da Baixa Idade Média. Ao justificar ao leitor que suas palavras são tão salutares quanto as de qualquer outro, Christine se autodefine, pois:

Uma vida examinada é, em boa parte, uma vida apurada, clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas tanto históricas como fictícias veiculadas por nossa cultura [...]. A história de uma vida se constitui por uma sequência de retificações aplicadas a narrativas anteriores, do mesmo modo que a história de um povo, de uma coletividade, de uma instituição [...]: um sujeito se reconhece na história que ele conta a si mesmo sobre si mesmo” (RICOEUR, 1985, p. 444-445. Tradução nossa).

A autora, portanto, ao retomar a cultura escrita, de que tem conhecimento, a reforça colocando-se agora como agente do prosseguimento e da memória dessa cultura. Igualmente, já que a noção de Ricoeur pode ser também aplicada ao texto autobiográfico,

não podemos deixar de mencionar que o discurso christiniano pode ser visto sob esse viés, já que o estudo dos prólogos medievais permite verificar a afirmação de um “eu” autor desde muito antes do período em que a autora viveu, um “eu” que “reivindica sua arte e seu saber” (GALDERISI, 2006, p. 670). O exemplo dado por Ricoeur é a obra de Proust, *À la recherche du temps perdu*, em que o sujeito aparece como leitor e como escritor de sua própria vida. Obviamente, guardadas as devidas distâncias temporais e de gênero textual, mas quase que flertando com anacronismos, podemos analisar a escrita autobiográfica de Christine da mesma forma como Ricoeur analisou a escrita de Proust: uma construção, no espaço da letra, que mescla real e ficção de si, e que culmina em uma identidade narrativa. Além disso, para nos servir do texto e da cultura própria ao tempo de Christine de Pizan, podemos dizer que as interferências de um “eu” no texto de Christine não se limitam aos prólogos de suas obras, como vimos no exemplo acima. O que pode revelar uma importante ratificação na história de uma coletividade letrada realizada pela mulher de letras, no esteio de escritos cronísticos, como por exemplo, os de Jean Froissart ou de Commines, o que “denota uma consciência plena da *auctoritas* literária, do poder do narrador em dizer ou não dizer segundo seu *vueil* [sua vontade]” (GALDERISI, 2006, p. 675).

É possível averiguar tal intento na construção de sua persona de autor e que levou Christine a expor em *Advisio Christine* de 1404 o porquê da passagem da lírica para obras em prosa de cunho moral e didático:

Então, empreendi forjar coisas belas, no início mais leves, e assim como o artesão que aprimora mais e mais sua obra ao exercitá-la, estudando várias matérias, meu senso, então, se embebia de coisas novas, aperfeiçoando meu estilo sutilmente nas mais altas disciplinas. (CHRISTINE DE PIZAN, 1404, n.p. Tradução nossa).

Devemos salientar, entretanto, que nos referimos ao espaço do texto, que é o que nos resta desses autores. Não queremos aqui, de forma anacrônica, atribuir a eles uma reflexão teórica sobre seus discursos tal qual nos é possível realizar hoje. Mesmo assim, não podemos considerar Christine e seus pares como simples compiladores sem consciência alguma do que eram as diferentes formas ou gêneros de escrita, nem sobre sua alteridade. Christine

inova ao permanecer no maior respeito a seus predecessores, já que continua a se referir, nos prólogos das obras citadas acima, ao Cristo, aos profetas, a São João, São Paulo, Santo Agostinho, São Bernardo, no campo religioso; aos filósofos antigos Plutarco e Sêneca; aos autores como Beda, Boccace, Boécio; enfim, a Sibila, Fama, Minerva e Merlin nos domínios alegórico, mitológico e maravilhoso. Nesse sentido, Christine é perfeito *auctor*; não interfere em nenhuma ordem, mas ‘aumenta’ a herança recebida (SCHERTZ, 2013, p. 13. Grifo do autor. Tradução nossa).

## 4 | MANIPULAÇÃO DO PASSADO?

Se Christine, ao recorrer às autoridades do passado conservadas por meio da escrita, construiu sua própria história literária, poderíamos dizer que ela mesma relacionava sua atividade à conservação de uma memória digna de ser passada adiante:

E assim, eu, Christine, um tanto cansada da longa escrita, mas me felicitando da digna beleza desta obra [...], resolvi difundir suas cópias pelo mundo, a qualquer custo, a fim de que ela seja conhecida em diferentes lugares pelas rainhas, princesas e outras damas, para que ela receba as honras e os elogios que merece, e que a tornem conhecida de outras mulheres. E quando esse projeto a que aspiro for realizado – e que está em vias de ser –, esta obra será difundida, espalhada e publicada em todas as regiões do mundo, ainda que em língua francesa [...]. Dessa forma, as mais excelentes damas e mulheres de autoridade, tanto do presente quanto do porvir, poderão vê-la e lê-la, e pedirão a Deus por sua serva Christine, lamentando por ela não ter vivido em seu tempo. (CHRISTINE DE PIZAN, 1989 [1405], p. 225. Tradução nossa)

A citação foi extraída da obra *Le Livre des Trois Vertus*, composta entre 1405 e 1406 e oferecida à Marguerite de Bourgogne, delfina da França e primeira filha de Jean Sans Peur, duque da Bourgogne. Não se trata de um simples desejo de posteridade, mas talvez de um intuito de construir no discurso argumentos contra a “maledicência masculina e clerical” (MOREAU, 2003, p. 22) que ora usufruía de prestígio entre vários nobres potenciais financiadores de letrados como Christine. E como naquele contexto, o poder do reino da França era disputado pelos irmãos de Charles VI e seus descendentes, Christine mais uma vez se beneficiou da importância da casa da Bourgogne para a composição de uma obra sua. Viriam outras obras da autora oferecidas a princesas e senhoras da corte até a batalha de Azincourt. Então, se na Baixa Idade Média, a memória dos mortos era considerada, a arte da memória passaria a ocupar dali em diante um grande espaço nas letras, a memória ligava-se assim “à atenção e à intenção”, como declara Jacques Le Goff (1988, 146). Sob esse aspecto, é possível afirmar que Christine pode ter sido influenciada pela Suma teológica de Thomas de Aquino, em sua maneira de formular seu ensino e de construir a argumentação, mas também em suas considerações sobre a memória associada à virtude da prudência.

O medievalista francês afirma que a “história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar seus erros”. Certamente, não intentamos aqui dizer que Christine foi uma historiadora, até mesmo porque a disciplina não era vista de modo objetivo no medievo em que os eventos imaginários eram tão portadores de autenticidade quanto os eventos reais. Mesmo assim, seus métodos, sua busca por clareza e sobretudo sua consciência da passagem do tempo, fazem-nos respeitá-la como uma distante colega, ainda que a imparcialidade não tenha sido sequer cogitada pela autora ao contar seus dias, atitude deveras comum naquele contexto.

Desse modo, podemos dizer que Christine manejava com habilidade seus referenciais do passado tendo em vista sua autoafirmação, ou como colocamos aqui, a construção de sua *identidade narrativa*: “Eu, Christine, que chorei! [...] Ora, agora estou a rir” (Tradução nossa). Nesses dois versos da primeira estrofe do *Ditié*, Christine mostra consciência do tempo histórico, dos acontecimentos que anteriormente a fizeram chorar, mas que agora, no presente, pelo surgimento da *pucelle*, ela teria algo a celebrar. Celebração coletiva da memória de um povo que gostaria de registrar no espaço da escrita, uma memória que também era a sua própria.

## 5 | O LUGAR DO DITIÉ DE JEHANNE D’ARC NA OBRA CHRISTINIANA

Em silêncio, no claustro, depois de quase uma década, Christine volta à pena em julho de 1429 para cantar os feitos de guerra de uma jovem donzela, Jeanne d’Arc, a *pucelle* de Domrémy e a responsável pelo levante do exército francês diante dos ingleses. Christine de Pizan, após consolar as damas da corte com a *Épître de la Passion de Vie Humaine*, versando sobre as perdas humanas da batalha de Azincourt, havia se refugiado de um convento para outro tentando escapar da fúria bourguigonne, de 1418 até sua morte por volta de 1430. Nesse tempo, voltou ao gênero religioso, com as *Heures de la contemplation de la Passion*, de 1420. Vejamos, a seguir, alguns trechos do poema, ao lado de nossa tradução que, aliás, se apresenta mais próxima da semântica do original do que de sua forma poética.

Supondo que tenham chegado até Christine cópias das cartas de Jeanne d’Arc ou ao menos notícias sobre elas e sobre o grande feito realizado pela jovem chefe de tropas até ali, isto é, a sagração de Charles VII, naquele mesmo mês de julho de 1429, como rei da França em Reims, podemos dizer que a letrada, mesmo afastada de Paris, continuava atenta aos movimentos militares e políticos do reino. Para romper seu silêncio, é certo que Christine considerou as notícias em alta conta. Ao menos é o que podemos inferir, já que não nos restam vestígios de outras obras que possa ter composto no isolamento.

O poema, significado de *ditié*, é de cunho narrativo e épico, estendendo-se ao longo de 61 *huitains* (estrofes) de octossílabos rimados em *ababbcbc* em que a autora louva os empreendimentos guerreiros de Jeanne evocando dois temas que defendeu ao longo de sua trajetória literária, o bom governo em prol do bem comum apoiado pela cavalaria e o sexo feminino.

Ora, foi pela espada de Jeanne d’Arc, segundo Christine, que a monarquia francesa havia sido restabelecida “segundo a graça de Deus”. Nos versos de Christine, Jeanne foi o instrumento divino para que o rei, anteriormente fugido, afastado, detratado recebesse dos céus a coroa e pudesse encabeçar a reconquista de seu reino tão maltratado pelos inimigos ingleses e devolver ao povo a esperança de tornar a viver em paz:

Et comment pourras-tu jamais  
 Dieu mercier à souffissance,  
 Servir, doubter en tous tes fais,  
 Que de si grant contrariance  
 T'a mis à paix, et toute France  
 Relevée de tel ruïne,  
 Quant sa très grant saint providence  
 T'a fait de si grant honneur digne ?

Como não poderás jamais  
 Agradecer a Deus assaz  
 Servir e temer em tudo  
 Mesmo com tão grande revés  
 Chegou à paz, toda a França  
 Salva foi da decadência  
 Quando sua providência  
 Fez-te digno de tal honra?

Era necessário que Charles VII reconhecesse o favor divino que repousava sobre ele e fosse grato, ou seja, um bom rei que mantivesse agora a conquista vinda pelas mãos de uma mulher:

Tu, Johanne, de bonne heure née,  
 Benoist soit cil qui te créa  
 Pucelle de Dieu ordonnée,  
 En qui le Saint-Esprit réa  
 Sa grant grâce et qui ot et a  
 Toute largesse de hault don,  
 N'onc requeste ne te véa  
 Que te rendront assez guerdon ?

Tu, Joana, bem nascida,  
 Bendito seja quem te criou,  
 Donzela de Deus ordenada,  
 Em quem o Espírito brilhou  
 Sua grande graça eterna  
 E generosidade de alto dom  
 Jamais um pedido te negará  
 Para recompensar-te bem?

A estrofe é a de número 22, e ali Jeanne é chamada pelo nome pela primeira vez no poema, antes apenas *vierge* e *pucelle*. Aqui Christine inicia a série de comparações com outros personagens, bíblicos principalmente. Primeiramente Moisés, Josué e Gideão, evocando os feitos para libertar o povo de Israel. Em seguida, a autora recorre a figuras femininas, Esther, Judith e Débora, todas colocadas em situações perigosas e que exigiram muito mais do que se esperava de mulheres. Mas até mesmo as forças de Heitor e de Aquiles, Jeanne teria ultrapassado! Porque recebera o favor divino:

Hée ! quel honneur au féminin  
 Sexe ! Que [Dieu] l'ayme, il appert.  
 Quant tout ce grant peuple chenin  
 Par qui tout le règne ert désert,  
 Par femme est sours et recouvert,  
 Ce que pas hommes fait n'eüssent,  
 Et les traittres mis à désert  
 A peine devant ne crussent.

Que honra ao feminino  
 Sexo! Como Deus o ama.  
 Quando esse povo maligno  
 Enxotou todo o reino que  
 Por uma mulher foi salvo,  
 O que homens não fizeram,  
 E traidores arruinaram,  
 Por não terem acreditado.

O contentamento evidente de Christine lega à Jeanne a capacidade de salvar e ressuscitar o povo francês antes amortecido e enxotado pelas forças inglesas. Por isso, a *pucelle* será contada entre as *preuses*, correlatas aos *neuf preux*, tradição literária que elencava personagens da antiguidade clássica, personagens bíblicos e heróis da cristandade latina. Agora, a França tinha uma figura feminina que podia ladear Du Guesclin, exaltado por Eustache Deschamps como um dos valentes, o décimo (DRUCIAK, 2018, p. 105-123). E como o condestável, a *pucelle* deveria empreender uma guerra santa, uma cruzada contra os ingleses recebendo o direito de estar no paraíso. Aqui também se percebe que Christine subleva o conceito da boa morte muito discutido anteriormente e que

condenava a morte violenta. Tal ensinamento, a letrada deve a Honoré Bovet e sua *Arbre des batailles*. Nela é possível compreender como Bovet explica, segundo seu entendimento de guerra justa, os conflitos entre reinos cristãos: as gentes de armas seriam nada mais do que o flagelo de Deus para punir os pecadores, e se as guerras atingiam os bons e os justos, isso seria creditado para sua glória quando recebidos nos céus (BOVET, 1883, p. 150).

O tom laudatório e feliz, primaveril até, do poema sobre a *pucelle* poderia explicar o retorno de Christine não só à atividade letrada ligada aos acontecimentos de seu tempo, mas também seu retorno ao verso. Como vimos acima, Christine dizia que suas obras anteriores, líricas, tratavam de temas leves. Que lamento ao perceber que o poema talvez espelhasse o sentimento de todo um povo que acompanhava os feitos de Jeanne: encontro com o rei em fevereiro de 1429, março em Chinon, início de maio a vitória em Orléans, em 17 de julho a sagração do rei e as expectativas de sua entrada em Paris, como ela mesma prometera em uma de suas cartas. Mas, obviamente, Christine não sabia de nada do que viria em seguida a ser um verdadeiro calvário para a heroína, prisioneira em maio de 1430 e morta um ano depois pelas mãos de seus inimigos, e o próprio Charles VII impedido de entrar em Paris até 1437.

A última palavra do poema “*lumière*”, como afirma Liliane Dulac, é a luz da verdade que a autora pretende fazer resplandecer aos olhos de todos: evocando os mais recentes acontecimentos o “poema esboça uma história que está sendo feita” (DULAC, 2007, p. 83) cujo herói será Charles VII se seguir o que lhe pede a *pucelle* e, porque não, apoiar o que Christine de Pizan, naquele último dia de julho de 1429, declara nos versos do *Ditié*:

Si rabaissez, Anglois, vos cornes,  
Car jamais n'aurez beau gibier  
En France, ne menez vos sornes  
Matez estes en l'eschiquier,  
Vous ne pensiez pas l'autrier  
Où tant vous monstriez perilleux ;  
Mais n'estiez encour ou sentier  
Où Dieu abat les orgueilleux.

Abaixai, ingleses, os cornos  
Pois jamais tereis boa caça  
Na França, não, não avançai  
Ao querer por em cheque  
Não pensais em nada mais  
Mostrai-vos tão perigosos  
Mas paraís, não insistais  
Deus abate os orgulhosos.

## 6 I BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela última vez, Christine coloca uma pedra na construção de sua *identidade narrativa* ao reconhecer em Jeanne d'Arc uma mulher que agia fora das convenções sociais, mas que se mostrava observadora dos princípios da igreja, assim como ela própria. Porém, Jeanne foi a campo, tinha a experiência vivida da guerra, o que talvez também tenha fascinado Christine. Não que isso significasse sentir-se diminuída, não, pois era preciso pensar sobre a guerra, ensinar aos príncipes como dirigi-la e incluí-la na reflexão política (DEMARTINI *et al*, 2016, p. 13) e tal tarefa, a letrada sabia bem realizar e conscientemente.

Somente com uma obra digna de memória, como Christine mesma afirma, devem ser contados os feitos de Jeanne, pois eles ultrapassam muitas crônicas e histórias:

Mais or veuil raconter comment  
Dieu a tout ce fait de sa grâce,  
A qui je pri qu'avisement  
Me doint que rien je n'y trespasse.  
Raconte soit en toute place,  
Car ce est digne de mémoire  
Et escript, à qui que desplace,  
En mainte cronique et histoire.

Agora quero contar como  
Deus em sua graça tudo fez  
E dele tomo conselho  
Para que em nada exagere  
E conte tudo como foi  
Pois é digno de memória  
E sua escrita ultrapassa  
Muitas crônicas e histórias.

Jeanne, além disso, permitia a Christine trazer para uma realidade muito próxima a referência a Hypsicratéia, citada por Valério Máximo (séc. I), mulher do rei do Ponto (atual Turquia), Mithridate, e que o protegeu e acompanhou em combate. Guardadas as devidas diferenças entre uma rainha e a *bergère*, Jeanne, em seu *Livre de la Cité des Dames*, Christine descreve a nobre desta forma:

Como as vestimentas femininas não eram práticas em tais circunstâncias e como não convinha a uma mulher se mostrar na batalha ao lado de tão poderoso rei e guerreiro tão valente, cortou seus longos cabelos dourados como o ouro a fim de se passar por um homem, e, no entanto, eram eles o seu mais belo ornamento da beleza feminina. Não se preocupando com o frescor de sua tez, revestiu-a com o elmo, sob o qual estava sempre suja, corbelta de suor e de poeira. Fez dobrar seu delicado corpo sob o peso das armas e da malha de ferro; deixou os anéis preciosos e as ricas joias que ornavam suas mãos para tomar o machado cortante, a lança, o arco e as flechas; no lugar de seus ricos cintos, cingiu por fim a espada. (CHRISTINE DE PIZAN, 1986 [1405], 148-149. Tradução nossa)

Assim como a rainha, Christine afirma, em outros momentos de suas obras, ter se transformado em homem para suportar e sustentar seu ofício e sua família, após ter ficado viúva, como afirma em *Le Livre de la Mutation de Fortune* (1403). Para a autora, talvez, a escrita representasse bem o combate a que as mulheres de seu tempo estavam fadadas para ter uma vida de paz. Christine de Pizan elenca mulheres valorosas, corajosas e piedosas ao longo de sua obra, em Jeanne d'Arc ela pôde (feliz providência!) encontrar a Minerva de carne e osso que tanto a guiou no terreno dos combates e que a instruiu em sabedoria para disso versar no caminho das letras.

## REFERÊNCIAS

BOVET, H. *L'Arbre des batailles*. Paris : Ed. Ernest Nys, 1883, p. 150.

CHRISTINE DE PIZAN. *L'advisio Christine*. Manuscrit Fr 1176, f 62r. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8448970d/f131.image>. Acesso em: 3 set. 2019.

CHRISTINE DE PIZAN. *Le chemin de longue étude*. Éd. et trad. A. Tarnowski. Coll. Lettres Gothiques, Paris : Le Livre de Poche , 2000.

CHRISTINE DE PIZAN. **Le Livre de la Cité des Dames**. Texte traduit et présenté par T. Moreau et É. Hicks. Paris : Stock/ Moyen Âge, 1986.

CHRISTINE DE PIZAN. **Le Livre des Faits et Bonnes Moeurs du Roi Charles V le Sage**. Trad. Éric Hicks et Thérèse Moreau. Paris : Stock/ Moyen Âge, 1997.

CHRISTINE DE PIZAN. **Le Livre des Trois Vertus**. Éd. Charity Cannon Willard avec la collaboration d'Éric Hicks. Paris : Champion, 1989.

DEMARTINI, D. ; LE NINAN, C. ; PAUPERT, A.; SZKILNIK, M. **Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge**. Paris : Honoré Champion, 2016.

DULAC, L. Un poème de combat : Le Ditié de Jehanne d'Arc de Christine de Pizan (juillet 1429). **Synergies Inde** n° 2, 2007, p. 81-95.

DRUCIAK, C. L. Os versos de Eustache Deschamps como fonte para a história cultural da França da Baixa Idade Média. **Saeculum – Revista de História**, n. 38, João Pessoa, jan./jun. 2018, p. 105-123.

GALDERISI, C. Conscience littéraire et émergence de l'individu au Moyen Âge. In : LESTRINGANT, F. ; ZINK, M. (dir.). **Histoire de la France littéraire – Naissances et Renaissances – Moyen Âge-XVI<sup>e</sup> siècle**. Paris : PUF, 2006, p. 667-677.

MOREAU, T. Promenade en Féminie: Christine de Pizan, un imaginaire au féminin. **Nouvelles Questions Féministes**. Vol. 22, n. 2, 2003, p. 14-27.

LE GOFF, J. **Histoire et mémoire**. Paris : Folio, 1988.

RICOEUR, P. **Temps et récit**. Tome 3. Paris : Ed. du Seuil, 1985.

SCHERTZ, M.C. Autour de Christine de Pizan : entre lyrisme courtois et engagement politique, **COnTEXTES**. n. 13, 2013, p. 1-25. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/5798> ; DOI : 10.4000/contextes.5798. Acesso em: 14 mar. 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Araguaia 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 57

Astronomia 99, 100, 101, 102, 103, 105, 214, 215, 216, 217, 218, 219

### C

Cinema 28, 106, 119, 133, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 229

Comércio 116, 117, 118, 119, 124, 128, 162, 163, 205, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 245, 247, 282

Conservadores 171, 172, 173, 177, 178, 179, 285, 296

### D

Democracia 13, 15, 18, 19, 22, 31, 85, 284, 286, 293, 297

Dialética Cultural 183, 189, 190, 191

Ditadura 31, 51, 55, 57, 82, 83, 84, 85, 204, 285, 286, 287, 288, 289, 292, 294, 295, 297

### E

Escolas de Samba 284, 286, 287, 290, 291, 293, 297, 298

Estado Transitório 268, 271, 275

### F

Família 15, 16, 17, 18, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 49, 54, 55, 108, 121, 125, 144, 162, 184, 195, 198, 202, 217, 218, 245, 247, 250, 251, 302

Ferrovia 33

### H

História Cultural 86, 87, 88, 90, 91, 98, 108, 109, 113, 114, 145, 299

História Pública 203, 204, 206, 207, 210, 212, 213

### I

Identidade 1, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 22, 25, 26, 29, 30, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 111, 112, 115, 127, 135, 138, 139, 141, 143, 158, 171, 177, 203, 205, 224, 226, 254, 256, 267, 278, 298

Imigrantes Japoneses 243, 244, 245, 248, 249, 251, 252

Indígena Brasileiro 214, 217

### M

Memória 44, 114, 115, 149, 150, 156, 158, 203, 243, 254

Memória Aikewara 44

Modernistas 171, 173, 179

Morada Nordestina 58, 66

## **N**

Nacionalismo 23, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 291

## **O**

Organização Curricular 255, 256, 261, 262

## **P**

Pós-Modernidade 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 114, 224

Pós-Neoclássico 268, 271, 275

## **R**

Representação 6, 28, 76, 88, 91, 95, 96, 98, 108, 112, 127, 135, 156, 157, 184, 187, 195, 238, 293

Roger Chartier 86, 87, 88, 90, 91, 97, 98

## **S**

Sociedade Capitalista 13, 14, 15, 21

Sol Nascente 243, 254

## **T**

Teoria Marxiana 13



*Sentidos e Sujeitos:  
Elementos que dão  
Consistência à História 2*

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# *Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História 2*



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020